

Arquitetura e Paisagem na obra *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior Literatura que revela a função social e edificante da paisagem

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA
PAISAGEM

CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Autora: Francisca Emília de Holanda Bisneta/FCT Unesp/emilia.holanda@unesp.br¹

RESUMO

O presente artigo debruçou-se sobre o romance contemporâneo *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior (2019). Através dele foi possível estudar a arquitetura e a paisagem que compõem seu enredo, cuja relevância ultrapassa a ambientação e revela aspectos históricos, sociais, culturais e humanos. Objetivou-se desenvolver um olhar acerca da função social e edificante desempenhada pelo meio sobre o homem, por meio de pesquisas bibliográficas que permitiram o embasamento teórico. Assim, comprovou-se o importante papel da produção literária, ainda que recente e pouco explorada, para a produção acadêmica no campo da Arquitetura da Paisagem, tendo em vista a consolidação do potencial do ambiente diante do indivíduo, enquanto denunciador de contextos e revelador de vivências e identidades.

PALAVRAS-CHAVES: literatura, arquitetura, paisagem, função social, papel edificante

ABSTRACT

This article looks at the contemporary novel *Torto Arado* by Itamar Vieira Junior (2019). Through it, it was possible to study the architecture and landscape of the story, whose relevance goes beyond the ambience and reveals historical, social, cultural and human aspects. The aim was to develop a view of the social and edifying role played by the environment on man, through bibliographical research that provided a theoretical basis. This proved the important role of literary production, albeit recent and little explored, for academic production in the field of Landscape Architecture, with a view to consolidating the potential of the environment in relation to the individual, as a denouncer of contexts and revealer of experiences and identities.

KEYWORDS: literature, architecture, landscape, social function, edifying role

¹ Francisca Emília de Holanda Bisneta/ orientanda, graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista de Mesquita Filho (FCT-Unesp de Presidente Prudente) e bolsista de Iniciação científica. Trabalho desenvolvido com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - 2023/16117-6. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Solange Moura Lima de Aragão/ orientadora, Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo e Professora Assistente Doutora da Universidade Estadual Paulista de Mesquita Filho (FCT-Unesp de Presidente Prudente) / solange.aragao@unesp.br.



1 INTRODUÇÃO

E como era diferente o mundo além de Água Negra! [...] O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda eram de terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos. Onde enterrávamos os restos do parto e o umbigo dos nascidos. Onde enterrávamos os restos de nossos corpos. Para onde todos desceriam algum dia. Ninguém escaparia. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 20)

A descrição que inicia o presente trabalho compõe o romance contemporâneo, *Torto Arado* (2019), laureado com o Prêmio Leya (2018) e vencedor dos prêmios Jabuti e Oceanos (2020). A obra em questão foi escrita por Itamar Vieira Junior, um geógrafo baiano e funcionário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), que construiu uma narrativa envolvida por elementos arquitetônicos e paisagísticos que denotam o envolvimento do homem com o espaço, mais precisamente com a terra. Com seu estilo poético único, Itamar transcreveu uma realidade muito original e ao mesmo tempo muito tradicional para o plano da consciência nacional. (KARNAL, 2021).


O enredo envolvente discorre sobre a vida de duas irmãs, Bibiana e Belonisia, em meio à fazenda de “Água Negra” (fazenda fictícia) na Chapada Diamantina, Bahia. Ecoa do sertão nordestino essa história de uma vida pulsante no campo, chamando atenção para questões do homem com a terra, as quais Itamar pôde entrar em contato direto pelo trabalho em campo realizado. Através da polifonia, que remete ao contar histórias, ou seja, a oralidade, é feito um trabalho descritivo acerca do contexto marcado tanto pela exploração, pobreza, fome, seca, violência, quanto pela luta e resiliência de uma “gente forte que atravessou um oceano, que foi separada de sua terra, que deixou para trás sonhos e forjou no desterro uma vida nova e iluminada. Gente que atravessou tudo, suportando a crueldade que lhes foi imposta” (VIEIRA, 2019, p. 261).

Desse modo, é a partir da Literatura que o estudo em questão se desenvolve, tendo em vista a sua capacidade de construir um amplo campo de conhecimento ainda pouco explorado. Seu potencial reside no ato de redigir um pensamento poético que atravessa todo o espectro social, transformando em fatos literários os fatos históricos (SEVCENKO, 2003).

Assim, é com enfoque na Paisagem e na Arquitetura reproduzida em *Torto Arado*, que se propõe analisá-las para além do efeito cenográfico. O molho paisagístico e arquitetônico ultrapassa a simples ambientação da história e promove um discurso que caminha junto com a narrativa e é capaz de abordar aspectos históricos, sociais, culturais e humanos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para dissertação do tema é de suma importância conceituar a ideia de “linguagem verde” de John Clare difundido por Raymond Williams. Este último analisa o tratamento diferenciado que a Natureza recebe ao ser referida na Literatura, atentando para quando esta é acompanhada “por uma projeção do sentimento pessoal numa Natureza subjetivamente particularizada e objetivamente generalizada” (WILLIAMS, 1989, p. 187), como propõe a nova literatura da poesia bucólica.



Trata-se de um passo radical no desenvolvimento da linguagem e da ideia de literatura; sua força provém de seus sentimentos associativos de calor humano e espírito comunitário, numa época de expropriações, despejos e divisão social [...].” (WILLIAMS, 1989, p. 196)

Desse modo, infere-se a “linguagem verde” nos textos literários que trabalham com o reconhecimento do homem para com a paisagem, no que tange à atenção dada ao vínculo anteriormente ocultado.

Outro termo relevante, difundido por Gilberto Freyre, que serve de base para o presente estudo é o termo de origem africana mucambo (“mu”+ “kambu”) que significa “esconderijo” (MENDONÇA apud FREYRE, *Oh de casa!*, 1979, p. 83). Eram construções caracterizadas pela simplicidade construtiva, assentadas em terrenos desvalorizados ou alagados. Freyre tece um olhar acerca do tipo edificatório mais simples, ao atentar para os aspectos arquitetônicos, as influências culturais, o entorno em que foi implantado, a vegetação ao redor e também para o caráter psicológicos (ou psicossociais e culturais) da casa brasileira.

Desse modo, o conceito em análise revela para além do antagonismo social, o antagonismo de qualidade de material e o de situação ou de localização da casa à que se destinavam os menos favorecidos. Dentre as obras de Freyre, as destacadas para a referida temática são: *Sobrados e mucambos*, *Mucambos do Nordeste* e *Oh de casa!*, exemplares que confirmam a importante colaboração freyriana para a historiografia da arquitetura brasileira, no que tange o desenvolvimento da tipologia edificatória, a atenção dada à casa brasileira e a demonstração da contribuição para formação social e cultural do homem brasileiro.

Ademais, a interpretação do tema é auxiliada pelo conceito de *Topofilia* (2012) difundido por Yi-Fu Tuan (1930 - 2022), geógrafo sino-americano, que propõe a compreensão das percepções humanas relacionadas ao espaço.

A palavra *topofilia* é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. (TUAN, 2012, p.136)

Discute-se como se ocupa, se percebe, se situa e significa o mundo, através da construção de valores e experiências ambientais e das diversas visões de mundo. O autor faz considerações diversas que abrangem desde biologia, literatura, antropologia, pedagogia, psicologia, história, cultura, religião até estética (TUAN apud CISOTTO, 2013, p. 1), no que diz respeito à relação entre o homem e o mundo. Dessa maneira, alcança-se a compreensão da percepção, da memória, da identificação, do reconhecimento e do pertencimento do ser humano com o meio, ao passo que este “se apegava ao chão nativo com cada fibra do seu ser” (STREHLOW apud TUAN, 2012, p.145).

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

O artigo em questão foi realizado através do estudo de caso qualitativo baseado em pesquisas bibliográficas nos acervos das universidades públicas do Estado de São Paulo, buscando-se textos que tratassem da relação entre Arquitetura e Literatura, Paisagem e Literatura, Geografia e Literatura, História e Literatura, além de textos sobre interpretação da Literatura Contemporânea.



Teve-se como ponto de partida a leitura e fichamento do livro *Torto Arado*, que é o objeto de estudo principal da pesquisa, através do qual se desdobraram as questões a serem discutidas relacionadas à Paisagem e Arquitetura da Chapada Diamantina, conformadoras da ambiência narrada. Em concomitância, foi feito o levantamento e seleção de obras que auxiliaram na interpretação do caráter agregador da Literatura aos estudos acadêmicos e da temática do envolvimento do homem com o meio, agregando fundamentação aos aspectos expostos pelo romance contemporâneo.

Dessa maneira, teve-se como material de estudo obras de embasamento teórico que através de seus conceitos desenvolvidos permitiram a compreensão dos elementos retirados da obra literária. Assim, o material descritivo multidisciplinar presente em livros desenvolveu papel estruturador do presente trabalho, tendo em vista seu caráter elucidador e direcionador referente às discussões propostas.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Antes de tudo, é preciso evidenciar o papel fundamental da Literatura no desenvolvimento de certos estudos acadêmicos no campo da Arquitetura. Tal inter-relação é explorada no presente estudo, através da análise inovadora do romance recente de Itamar Vieira Junior, que promove um campo de estudo enriquecedor a se explorar. Esta primeira vale-se de palavras para produzir enredos inseridos em retratos da organização socioespacial, de modo que influencia e é influenciada pelos fatores históricos, geográficos, sociais, culturais, raciais e espirituais vigentes.

O cruzamento da Literatura com outros nichos revela seu potencial como documento, não somente como registro do processo dos fatos históricos, mas como uma instituição viva repleta de significações dos diversos aspectos históricos, “específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção” (SEVCENKO, 2003, p. 299). Assim, a Literatura cria um intercâmbio com a Arquitetura e a Paisagem, como é visto no romance contemporâneo que é objeto de estudo, *Torto Arado*, o qual parte de uma realidade concreta e encontra um plano alegórico que ganha contornos universais (LEYA, 2018).

Dessa maneira, a Literatura base retrata uma comunidade de trabalhadores rurais descendentes de escravizados na fazenda fictícia de “Água Negra”, correspondente à região da Chapada Diamantina (Bahia) entre o rio Utinga e o rio Santo Antônio. Configura-se como um coletivo intrinsecamente ligado ao entorno que o cerca, de modo que são destacados tanto os aspectos naturais imediatos, quanto os aspectos histórico-culturais.

Eles vivem a terra, de modo que esta protagoniza as brincadeiras das crianças ao imitarem os afazeres dos pais e de seus ancestrais (VIEIRA, 2019, p. 23). Essa paisagem também significa alimento - é de onde brota quase tudo o que comem, como inhame, batata-doce, aipim, batata, frutos, feijão, abóbora, quiabo, chá e ervas com função medicinal (VIEIRA, 2019, p. 23; p. 45). Do rio aproveitam a correnteza da cheia para pescar, a fim de servir de alimento em suas mesas (VIEIRA, 2019, p. 50). Tal curso d’água é determinante por servir como passagem permanente para o brejo no caminho das roças, onde trabalham nas plantações de arroz e cana dos donos da fazenda, represam a água do rio, cortam madeira para conter o afluente e pastoreiam o gado. (VIEIRA, 2019, p. 53).



Dessa maneira, a terra é também sinônimo de trabalho, sendo justamente em troca deste que a comunidade vive de morada nas terras dos donos da fazenda. Com isso, podiam ficar naquelas paragens e lhes era permitido construir a almejada casa de barro com uma roça pequena e um espaço para criar animais menores. No entanto, as construções não eram duráveis, tendo em vista que não eram permitidas casas de alvenaria que demarcassem o tempo de presença das famílias na terra (VIEIRA, 2019, p. 41). A infraestrutura simples e a implantação esparsa dessas casas do campo são características e se distinguem dos demais tipos edificatórios apresentados na obra, como as casas da cidade e a casa-grande dos donos da fazenda, desde a materialidade até o modo de assentamento. que se distinguem ainda mais das casas da cidade.

Observa-se, assim, que a produção arquitetônica e paisagística do romance de Itamar Vieira Junior assume outros contornos, tendo em vista que propõem o decifrar dos cenários, no que tange o refletir as realidades sociais. Para além da ambiência, o meio explicita aspectos importantes a serem estudados, tanto de caráter construtivo, quanto no que diz respeito ao significado que a paisagem assume para os indivíduos, de modo que se amplia a compreensão de mundo frente à potencialidade latente da temática.

5 DISCUSSÃO

Torto Arado desenvolve-se em um contexto histórico demarcado pelo decreto da Lei de Terras em 1850 (Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850) acompanhado pelo avanço do capitalismo industrial. Através desta, iniciou-se a regulamentação da temática fundiária no Brasil, que já havia acabado com o regime de sesmarias e estabeleceu a aquisição de terras mediante compra (FAUSTO, 2006, p. 196). Em concomitância, a Lei Eusébio de Queirós havia sido promulgada em 4 de setembro de 1850, e proibia o tráfico de africanos escravizados para o Brasil, tendo em vista as pressões comerciais aplicadas pela Inglaterra para que o país acabasse com essa prática. Tal cenário evidenciou a terra como mercadoria e o caráter discriminador, tendo em vista que “a Lei de Terras foi concebida como forma de evitar o acesso à propriedade da terra” (FAUSTO, 2006, p. 196) tanto aos ex-escravizados, quanto aos futuros imigrantes que iriam substituir a mão-de-obra.

Firmou-se, assim, “várias medidas que tentaram mudar a fisionomia do país” (FAUSTO, 2006, p. 197), como a estrutura latifundiária no Brasil e a priorização dos interesses dos grandes proprietários de terra em detrimento da parcela recém-liberta e pobre. Estes permaneceram desassistidos, restou-lhes o regime de servidão, de modo que se inseriram em um sistema de agregados e moradores das fazendas dominadas pelos mesmo antigos senhores, como é retratado no romance literário de Itamar Vieira Júnior. Desse modo, a literatura constrói uma projeção deste contexto histórico por meio de uma comunidade de trabalhadores descendentes de escravizados que continuam sendo explorados na fazenda de ‘Água Negra’, ao passo que desenvolve uma narrativa acerca dos elementos naturais da paisagem, das construções que compõem o meio, do trabalho com a terra, da religiosidade e da luta por sobrevivência.

Podem trabalhar contavam nas suas romarias pelo chão de Caxangá - podem trabalhar, mas a terra é dessa família por direito. Os donos da terra eram conhecidos desde a lei de terras do Império, não havia o que contestar. Quem chegasse era forasteiro, poderia ocupar, plantar e fazer da terra sua morada. Poderia cercar seu quintal e fazer roça na várzea nas horas vagas. Poderia comer e viver da terra, mas deveria obediência e gratidão aos senhores. (VIEIRA, 2019, p. 183).



Tendo como base o contexto em que *Torto Arado* insere-se, estrutura-se a paisagem social (FREYRE, 1968) sobre a qual a narrativa se desenvolve. Esta é caracterizada por uma sociedade em transformação, marcada pelo movimento abolicionista em curso que viria alterar a dinâmica regente de uma mão-de-obra escravizada que sustentava a economia do país.

As mudanças na paisagem social brasileira acarretaram “modificações na paisagem rural, na paisagem urbana, nos modos e costumes da sociedade, na arquitetura e, mais especificamente, na casa brasileira” (ARAGÃO, 2017, p. 86). Desse modo, a paisagem do patriarcado rural em declínio é caracterizada pela alteração da fisionomia da sociedade, cujas consequências são registradas pela narrativa do romance de Itamar, com enfoque na história da comunidade de descendentes de escravizados:

Me embrenhei entre o povo que os donos da terra chamavam de trabalhador e morador. Era o mesmo povo que me carregou nas costas quando eram escravos das minas, das lavouras de cana, ou apenas os escravos de Nosso Senhor Bom Jesus (VIEIRA, 2019, p. 204).

Entre os dominadores estavam “famílias privilegiadas de donos simplesmente de terras”, que apesar de estarem perdendo o exclusivismo, continuavam exercendo poder sobre quem permanecia dominado. Em *Torto Arado*, a família dona da fazenda exemplifica a dinâmica de exploração corrente nas terras de “Água Negra”: “A família Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esquecêssemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam” (VIEIRA, 2019, p. 54).


A presença dos proprietários na fazenda expunha a ausência de identificação com a terra. Seus “passamentos” na área rural tornaram-se “dependências pitorescas de sobrados burgueses” com imitação da nobreza rural, que não representava mais o lucro exclusivo de sua vida econômica, mas sim uma demonstração de “uma espécie de decoração social” (FREYRE, G., *Sobrados e mucambos*, 1968, p. 8-9).

Apesar de “comprometida a estrutura patriarcal-rural da sociedade brasileira nas suas próprias bases”, a “mística de prestígio social dominante entre os brasileiros era ainda patriarcal-rural” (FREYRE, G., *Sobrados e mucambos*, 1968, p. 7). Desse modo, a parcela dominada da população, em específico na obra, os sucessores de ex-escravos, se submetia sem alternativa ao poder latente.

Meu povo seguiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar, fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar. Como eram bons, porque não havia mais chicote para castigar o povo. Como eram bons, por permitirem que plantassem seu próprio arroz e feijão, o quiabo e a abóbora. A batata-doce do café da manhã. (VIEIRA, 2019, p. 204)

Criava-se, assim, uma dinâmica de exploração perniciosa, que era encoberta pelos eventos históricos correntes, mas causava os mesmos danos da escravidão. A comunidade de negros desassistida, permanentemente, não encontrava lugar, de modo que recaíam ao sistema de subjugação nas terras de fazendeiros.

"Mas vocês precisam pagar esse pedaço de chão onde plantam seu sustento, o prato que comem, porque saco vazio não fica em pé. Então, vocês trabalham nas minhas roças e, com o tempo que sobrar, cuidam do que é de vocês. Ah, mas não pode construir casa de tijolo, nem colocar telha



de cerâmica. Vocês são trabalhadores, não podem ter casa igual a dono. Podem ir embora quando quiserem, mas pensem bem, está difícil morada em outro canto." (VIEIRA, 2019, p. 204 - 205)

O “viver de morada” (VIEIRA, 2019, p. 185) de *Torto Arado* retrata quando não se sabe para onde ir, porque não tem trabalho de onde vem, nem tem de onde tirar sustento. Tal situação é personificada por retirantes, como os pais de família da narrativa, que caminhavam dias e noites, sob o sol forte e sobre os pés latejantes, atrás de uma possibilidade de sobrevivência. Quando chegavam às fazendas, ofereciam sua “força pra trabalhar” em troca “do direito de levantar casa e botar roça” (VIEIRA, 2019, p. 190), devendo obediência e gratidão aos proprietários e mantendo-se, assim, cativos.

Assim, viviam as personagens de Itamar Vieira Junior, envoltos por uma paisagem social que é reflexo do passado latifundiário e escravista brasileiro, cujas consequências culminaram em uma nova forma de exploração humana, reforçada pela já recorrente subjugação da vida negra. Viviam para transformar “a terra da fazenda em riqueza” (VIEIRA, 2019, p. 182), aguçando as hortas, cortando madeira, represando água de rio, pastoreando gado, para enfim, poder construir “casas de taipa que não prendessem o dono com raízes tão fortes ao solo como as de pedra e cal.” (FREYRE, G., *Sobrados e mucambos*, 1968, p. 21).

Ao atentar para o cenário de *Torto Arado*, percebe-se como os elementos revelam aspectos para além do construído. As casas que eram permitidas aos moradores construírem eram de barro, de taipa, sendo chamadas de “tapera”, “casebre”, “pocilga”, “chiqueiro” - o mucambo.

Em troca, poderia se construir uma tapera de barro e taboa, que se desfizesse com o tempo, com a chuva e com o sol forte. Que essa morada nunca fosse um bem durável que atraísse a cobiça dos herdeiros. Que essa casa fosse desfeita de forma fácil se necessário. (VIEIRA, 2019, p. 183)

Os retirantes lançavam-se em busca de assentarem-se em alguma terra com o objetivo final de constituírem um abrigo para sua família. A construção de taipa demarca a presença do coletivo e representa a arquitetura vernacular, aquela baseada em necessidade e tradições locais e que reflete o ambiente, o contexto cultural, tecnológico e histórico em que existe. Na obra literária, que se ambienta na Chapada Diamantina, tem-se registrado como materialidade o barro carregado do rio do Utinga e as estacas cortadas das árvores da caatinga para a forquilha e parede, retirados pelos próprios moradores.

O aspecto “popular e rural” das casas de taipa justifica-se pela síntese de técnicas construtivas e influências culturais, como uma “fácil aliança” entre a taipa portuguesa e a cabana de varas e palmas dos índios, ajuntados pelo negro cobrindo de lama ou arremessos de barro chamados de “sopapo” (CALMON apud FREYRE, *Sobrados e mucambos*, 1968, p. 302 - 303). Desse modo, fazia-se as casas da comunidade de “Água Negra”, por meio das próprias mãos dos indivíduos se via retirar da terra o material que estruturaria suas habitações.

O mucambo levava vantagem quanto à “harmonização com o meio tropical” se comparado aos tipos mais nobres de habitação (FREYRE, G., *Sobrados e mucambos*, 1968, p. 230), a ponto de ser considerada uma construção quase vegetal. Isso porque correspondem melhor ao clima tropical, tendo em vista sua pureza tanto de material, quanto de plano de construção, que dão ao mucambo melhores condições de arejamento e de iluminação. Logo, seria uma “solução inteligentemente ecológica e econômica” (FREYRE, G., *Sobrados e mucambos*, 1968, p. 231).

No entanto, as falhas construtivas não se anulam. Apesar da conformidade ambiental, a problemática reside na durabilidade e insalubridade, devido o material facilmente erodido por agentes naturais, a falta de saneamento básico e a proliferação de doenças. Dessa maneira, o



povo de “Água Negra” vivia em um eterno “ritual de construir e desmanchar” casas, pois não tinha “como consertar as casas de barro: enquanto fazíamos a nova, deixávamos a antiga tombar ali mesmo.” (VIEIRA, 2019, p. 142).

Sob essas circunstâncias sobrevivia a comunidade de ex-escravos narrada em *Torto Arado*, trabalhando para o proprietário de terra em troca de morada. Sujeitos às condições do mucambo, que apesar de harmônico ao ambiente era ausente de salubridade e acabamento, notavam as precariedades: “existia uma demanda por melhoria das casas de barro dos moradores, precárias, que poderiam ruir ou ser fonte de doenças. Era preciso construir com materiais mais duradouros.” (VIEIRA, 2019, p. 212)

Seguindo com a análise das casas de barro, infere-se outros contornos tangentes ao ser humano. A significância destas habitações inicia-se no fato de que seriam de “moradores de casas e não, mais, de senzalas” (FREYRE, G., *Sobrados e mucambos*, 1968, p. 294). Apesar da simplicidade, das limitações e precariedades do material (palha, tábuas, zinco, capim, folha, sapé, barro), representavam a busca por novas ambiências para se viver.

A frase tradicional entre negros livres de Sergipe quando se deslocavam da área de senzalas para a de mucambos - frase colhida pelo jovem pesquisador sergipano Felte Bezerra e registrada no seu recente e interessante estudo sobre "etnias sergipanas" - é significativa. Diziam eles: "Vou te agora janela e porta de fundo." A negação da senzala típica que não tinha nem janela de frente nem porta de fundo, sendo, como era, prisão; ou "pombal" (FREYRE, G., *Sobrados e mucambos*, 1968, p. 294)

A casa deixa de ser objeto para ser sujeito na formação do povo brasileiro (FREYRE apud ARAGÃO, 2017, p. 251). Desse modo, a pequenez, a horizontalidade, o primitivismo, a disposição inteiramente à vontade, a integração de culturas da arquitetura doméstica da gente do povo do Nordeste fazem dela “uma das mais significativas expressões de cultura brasileira” (FREYRE, G. *Oh de casa!*, 1979, p. 43). Isso porque, a habitação da família narrada em *Torto Arado* com seu chão de imperfeições, cortinas separadoras de cômodos, sala de frente, quartos, cozinha de fundo e banheiro ausente conformava “o abrigo mínimo planejado pelo morador” (ARAGÃO, 2017, p. 252).

Via como um encanto uma casa nascer da própria terra, do mesmo barro em que, se lançássemos sementes, veremos brotar o alimento. Quantas vezes havia visto aquele ritual de construir e desmanchar casas, e ainda me maravilha ao ver se levantar as paredes que seriam nosso abrigo. (VIEIRA, 2019, p. 142)

Evidencia-se que, de acordo com Freyre, “o caso do mucambo no Nordeste é dos que ilustram melhor o processo ecológico nas relações do homem com o espaço e com o meio”. Tanto é que a habitação construída pelas famílias de *Torto Arado* concretiza os vínculos estabelecidos entre os indivíduos e a terra, no que tange à significância compreendendo-a desde o substrato-base para construção ou plantação, até o símbolo de criação de raízes.

(...) “eu pari esta terra”. (...) “esta terra mora em mim”, bateu com força em seu peito, “brotou em mim e enraizou.” “Aqui”, bateu novamente no peito, “é a morada da terra. Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo todinho. No meu peito mora Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e de seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas nunca irão arrancar a terra de mim.” (VIEIRA, 2019, p. 229 - 230)

Dessa maneira, são retratados os despossuídos do campo, que possuem, contrastantemente, a terra enraizada e brotada dentro de si. Tal “fusão com a natureza” demonstra que “a topofilia do agricultor está formada dessa intimidade física, de dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças que o mantém a esperança.” (TUAN, 2012, p.141). O apego



profundo deve-se ao fato de a paisagem fazer parte deles, acompanhando nascimento, crescimento e morte das coisas vivas, servindo, assim, de registro das marcas de sua história:

se apega ao chão nativo com cada fibra do seu ser... Lágrimas aparecerão dos seus olhos quando se referir ao lugar do lar ancestral que, algumas vezes, foi involuntariamente profanado por usurpadores brancos do território de seu grupo. O amor pelo lar, a saudade do lar são motivos dominantes, que reaparecem constantemente, mesmo nos mitos dos ancestrais totêmicos (STREHLOW apud TUAN, 2012, p.145)

Ao atentar para o que revela os aspectos da paisagem, enxerga-se a ampliação dos contornos que os elementos da “Chapada Velha” adquirem na narrativa de Torto Arado. O envolvimento do ser humano é explicitado com a dinâmica da natureza nordestina:


Se esvaía toda a coragem de que tentei me investir para viver naquela terra hostil de sol perene e chuva eventual, de maus-tratos, onde gente morria sem assistência, onde vivíamos como gado, trabalhando sem ter nada em troca, nem mesmo o descanso, e as únicas coisas a que tínhamos direito era morar lá até quando os senhores quisessem e a cova que nos esperava fosse cavada na Viração, caso não deixássemos Água Negra. (VIEIRA, 2019, p. 127 - 128)

Os recorrentes períodos de estiagem percorrem a forma como a comunidade lidava com o clima quente, resistindo à “modorra”, procurando “ventura”. O “sol forte” característico do bioma da caatinga “castigava” os homens e mulheres, deixando-os alquebrados em meio à persistente lida com a terra (VIEIRA, 2019, p. 70). Labutando com ela para adquirir seu sustento, plantavam arroz e cana para suprir primeiramente os interesses dos donos da fazenda; depois vagem, feijão, umbuzeiros, tomates, quiabo, abóbora, grãos, mandioca, batata-doce, em uma escala menor para sobrevivência própria, isso quando os donos não vinham lhes retirar seu frutos; tentavam comerciar escondido buriti e dendê nas feiras da cidade; no desespero da fome, recorriam, por fim, ao jatobá, “uma reserva de alimento de segunda linha”, disputavam com o gado a palma e valiam-se do cacto em seus quintais (VIEIRA, 2019, p. 68). Estabeleceu-se, desde modo, uma relação de interdependência do homem com a flora nordestina, capaz de revelar os conflitos enfrentados por ele, desde a exploração de seu trabalho e o medo da fome. Assim, evidencia-se o valor dado à terra, componente que adquire características bióticas pelo fato de carregar suas vidas, uma vez que é o substrato-palco de seu trabalho, de sua alimentação e de sua sobrevivência.

Esta terra que cresce mato, que cresce a caatinga, o buriti, o dendê, não é nada sem trabalho. Não vale nada. Pode valer até para essa gente que não trabalha. Que não abre uma cova, que não sabe semear e colher. Mas para gente como a gente a terra só tem valor se tem trabalho. Sem ele a terra é nada." (VIEIRA, 2019, p. 186)

Além disso, as famílias de “Água Negra” desenvolviam uma relação com a fauna da caatinga, ao passo que afastavam as aves das plantações, ouviam histórias sobre os chupins, capturavam jacu, inhambu, juriti e até sariema em meio à seca; caçavam veado, paca, capivara, cutia, teiú, cujas carcaças eram o que restavam devido ao abatimento em períodos de estiagem; e pescavam peixes com as cheias do rio, abundância que se perdia com a seca, mas insistiam no cascudo ou na piaba, “menos nobres e menos desenvolvidos” (VIEIRA, 2019, p. 68).

Outro elemento delineador do relacionamento do indivíduo com o meio era o rio. Componente que envolvia as veredas da Chapada Diamantina e era fator distrator da periodização da vida do trabalhador com as cheias e as secas. Por meio do corpo d’água que corria meandrante à terra, aproveitavam desde o alimento que colocavam em suas mesas até o material que sustentava suas habitações. Ademais, designavam uma significação própria a este elemento, cujas águas provocavam reflexos e fluxos que acompanhavam as ocorrências de vidas:



“Mas espelho mesmo, acessível para nos observarmos, era apenas o espelho d’água dos rios com seu líquido escuro e ferruginoso, onde nos víamos negras num espelho também negro, talvez criado exatamente para nos descobrirmos.” (VIEIRA, 2019, p. 32)

Desse modo, o homem vincula-se à terra, como demonstram os sulcos profundos e os vales na sua pele erodida pelo sol e pelo vento, que enfrentava todos os dias para plantar e ter direito à morada de sua família na fazenda (VIEIRA, 2019, p. 64). A topofilia (TUAN, 2012) é explicitada em *Torto Arado* ao passo que a comunidade passa a adquirir, enquanto quilombolas, consciência social da paisagem, cujos frutos são tanto materiais, quanto imateriais, tendo em vista o desenvolvimento de identidade e pertencimento que detinham naquela terra.

Assim, a potencialidade da paisagem é alcançada na obra literária ao ultrapassar a materialidade dos elementos e atingir sua transcendentalidade. A vinculação inerente aos seres ocorre através do atrelamento aos ciclos da natureza e da ‘habilidade de arar um sulco reto - sua efêmera assinatura nessa terra’ (TUAN, 2012, p.141) que os homens e mulheres da comunidade quilombola começa a se reconhecer como pertencentes àquela terra.

Ainda recordo da palavra que escolhi: arado. Me deleitava vendo meu pai conduzindo o arado velho da fazenda carregado pelo boi, rasgando a terra para depois lançar grãos de arroz em torrões marrons e vermelhos revolvidos. Gostava do som redondo, fácil e ruidoso que tinha ao ser enunciado. "Vou trabalhar no arado." "Vou arar a terra." "Seria bom ter um arado novo, esse arado está troncho e velho." (VIEIRA, 2019, p. 127 - 128).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

folk structures ... intimately related to environment and the heart of the people
- Frank Lloyd Wright apud Gilberto Freyre

Depreende-se, assim, as raízes do povo quilombola aterradas em “Água Negra”. A história por meio dos elementos arquitetônicos e paisagísticos evidencia a função social e o papel edificante que a casa e natureza exercem sobre o indivíduo. Tal análise se faz, tendo em vista a inter-relação entre o homem, o construído e o meio, cuja interdependência efetiva o desenvolvimento mútuo e revela aspectos históricos, sociais, culturais e humanos tangentes ao envolvimento dos três elementos de estudo: Literatura, Arquitetura e Paisagem.

Logo, fica evidente a transplantação de valores corrente entre o homem e o meio ao passo que ele ocupa e vive nele. De modo que “constitui um conjunto de valores, mitos, tradições, símbolos, social e regionalmente dispersos que vêm sendo captados por ensaístas, poetas, sociólogos, historiadores, artistas plásticos, compositores, em criação nesses vários setores.” (FREYRE, G. *Oh de casa!*, 1979, p. 68).

Portanto, é através dessa análise que *Torto Arado*, mesmo como obra recente, atinge a potencialidade enquanto projeção da paisagem e desvela o vínculo desta com o homem. Por fim, o presente estudo auxilia a valorização do meio ambiente, uma vez que este, enquanto patrimônio tangível e intangível, dispõe acerca do contexto vivido, da identidade construída e do pertencimento enraizado, essenciais para a ampliação da compreensão de mundo.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Solange, pelo investimento de tempo, dedicação e paciência durante todo o processo de elaboração deste trabalho. A minha família, em especial: minha mãe, Maria da



Conceição, e minha tia, Francisca Emília, pelo auxílio, apoio e incentivo, mesmo distantes. E aos amigos, pelo interesse verdadeiro e companheirismo ao longo do presente estudo. Assim, foi possível estruturar uma pesquisa para além do âmbito acadêmico, cujos efeitos recaem sobre os relacionamentos e vínculos desenvolvidos.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Solange de. **Ensaio sobre a casa brasileira do século XIX** [livro eletrônico]. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: https://www.blucher.com.br/ensaio-sobre-a-casa-brasileira-do-seculo-xix_9788580391787. Acesso em 18.10.2023.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**, 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Mucambos do Nordeste**. Algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, s. d. [1937]

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem no Nordeste do Brasil. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989. [1937]

FREYRE, Gilberto. **Oh de casa!** Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem. Recife: Artenova - Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos** (Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano). 4.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968.

HEIDEGGER, M. **Construir, habitar, pensar**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. In: Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2002.

ITAÚ CULTURAL. **Arquitetura para quê?** – Ocupação Paulo Mendes da Rocha. São Paulo, 2018. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0vNrykcfijl>. Acesso em: 30.10.2023.

OLIVEIRA, Anderson. **Torto arado e suas geografias**. Entre-lugar (JUL 2021). Vol. 12, no. 23. pp. 495 - 498. Disponível em: <https://doaj.org/article/51c00042cbbc4fefac81c2ef8f58c054>. Acesso em: 24.09.2023.

PRAZER, KARNAL. **O que aprendemos com “Torto Arado”?** São Paulo, 2021. 1 vídeo (1 hora e 03 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bh7oR7oSKAw&t=931s>. Acesso em: 21.08.2023.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. - 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VIEIRA JR., Itamar. **Torto Arado**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.